

“I’ve always felt queer”: insurgência de Sam Smith e as tensões no/com o corpo, gênero e sexualidade

Maurício João Vieira Filho¹

Resumo: Desde críticas ao corpo até xingamentos, Sam Smith é alvo constante de ameaças contra sua vida. Frente às violências LGBTfóbicas que se expandem com vigor a cada aparição, objetiva-se, neste artigo, refletir como a insurgência de Sam Smith na cena pop desordena regulações normativas de gênero e sexualidade de modo a provocar e questionar limites para os corpos. Metodologicamente, ancora-se na perspectiva indiciária (BRAGA, 2008) para perceber algumas evidências sobre sua aparição pública e a identificação como pessoa não-binária. Para tanto, o trabalho se estrutura em dois eixos. Primeiro, parte-se das desobediências não-binárias, mobilizando o repertório da teoria queer, como abjeção (MISKOLCI, 2020), corpo estranho (LOURO, 2020) e contrassexualidade (PRECIADO, 2014), a fim de notar como a emergência pública desse corpo desestabiliza a pretensa solidez cisheteronormativa. Em seguida, voltam-se às resistências na cultura pop a fim de vislumbrar como esse movimento ocorre e como a arte se torna o lócus central de evidências e questionamentos sobre si e o mundo. Como resultados desse percurso, é possível perceber que a fama de Sam Smith lhe possibilita criar e mostrar seu corpo. Por ser artista mundialmente conhecido nas mídias, o destaque se torna ainda maior quando suas músicas atingem as melhores posições nas paradas de sucesso e, conseqüentemente, têm os cliques mais acessados nas plataformas de streaming. Mesmo que brinque e jogue com as brechas na arte e, de certa forma, mostre e construa sua subjetividade, ele está em associação a um cenário comercial no qual métricas e ranqueamentos concretizam sua ascensão ou derrocada. Por isso, os meandros das normas que pedagogizam seu corpo imbricam, neste contexto, em campos do mercado musical pop. No entanto, a cultura pop é um terreno fértil e aberto para experimentar e criar, ações mobilizadas por Sam ao estranhar normatividades e voltar-se radicalmente pela alegria.

Palavras-chave: Sam Smith; queer; corpo; gênero e sexualidade; cultura pop.

¹ Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e jornalista graduado pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Desde 2019, é integrante do grupo de pesquisa DIZ: Discursos e Estéticas da Diferença. Atualmente, é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Email: mauriciovieiraf@gmail.com.

“A alegria queer é – é, é – a coisa mais poderosa para mim no mundo. Porque conhecemos a dor. Nós conhecemos a dor. Então, inclinar-se para a alegria parece a coisa mais radical que posso fazer” (LIN, 2022, on-line, tradução nossa²). Esse trecho da entrevista de Sam Smith para a revista GQ, do Reino Unido, delinea caminhos para questionar e subverter práticas normativas, ao passo que resistir torna-se crucial para sobreviver às violências cotidianas. Recentemente, Sam Smith³, artista pop de renome internacional, sofreu ataques LGBTfóbicos em um parque público com xingamentos de uma mulher chamando-lhe de “demoníaco”, “doente”, “pedófilo” e “pervertido”. Em outro momento, relata que alguém lhe cuspiu na rua (SOUZA, 2023). Desde a performance da música *Unholy*, em parceria com Kim Petras, no *Grammy Awards*, de 2023, na qual Sam veste um figurino de diabo com salto alto, cartola com chifres e cajado em um cenário de luzes vermelhas e fogo, os xingamentos ficaram mais frequentes pelas redes sociais e pelas ruas. Sob outra perspectiva, enquanto as polêmicas ganhavam projeções das mídias, a música disparou entre as mais ouvidas no *Spotify* e, atualmente, ultrapassou a marca de um bilhão de reproduções.

² No original em inglês: “Queer joy is – is, is – the most powerful thing to me in the world. Because we know pain. We study pain. So to lean into joy feels like the most radical thing I can do”.

³ Em respeito ao modo como Sam se apresenta e se identifica, optamos, neste texto, pelos pronomes *elu/delu* e demais derivações para aproximarmos com mais fidedignidade à tradução dos pronomes neutros *they/them*, em inglês. Cabe-nos pontuar, como tentativa de um debate linguístico, que, na língua portuguesa, não há um acordo formalizado sobre o uso de alternativas que tracem uma neutralidade. É necessário atentarmos para as posições de poder acentuadas pela linguagem e buscar caminhos que rompam com a colonialidade que assegura masculinismo e formas de silenciamento e apagamento. Nomear e marcar pela linguagem constituem ações de poder e assinalam existências.

Figura 1 — *frames* da apresentação no *Grammy Awards*



Fonte: montagem a partir do vídeo

A carreira de Sam tem destaque no cenário pop desde 2012, mas atinge maior renome ao lançar o primeiro álbum de estúdio em 2014, que lhe projetou mundialmente. Entre indicações e vitórias para premiações musicais, a carreira de Sam atinge altos patamares com números elevados de reproduções nas plataformas de *streaming*. No *YouTube*, por exemplo, o canal oficial tem quase 10 bilhões de visualizações nos vídeos e nas performances, com destaque para as músicas *I'm Not The Only One*, *Too Good At Goodbyes* e *Stay With Me* cujas métricas ultrapassam o marco de um bilhão de reproduções⁴. Já no *Spotify*, uma das principais plataformas de serviços de *streaming* de músicas e podcasts, Sam ocupa a 18ª posição entre artistas com mais reproduções no mundo, representando cerca de 60,6 milhões de ouvintes mensais, entre os quais predominam pessoas de Londres, Cidade do México, Jacarta, São Paulo e

⁴ Números correspondentes ao acesso em 23 de abril de 2023, no link <https://www.youtube.com/@samsmith>.

Sydney⁵, nessa ordem. Apesar de ser um fenômeno musical, que mescla diferentes linguagens no cenário pop contemporâneo a partir de composições balizadas por vivências e sentimentos, os ataques a ele têm se tornado cada vez mais constantes depois que se identificou publicamente como pessoa não-binária. Em 2019, ao publicar no *Instagram*, Sam escreve:

Hoje é um bom dia, por isso aqui vai. Decidi mudar os meus pronomes para THEY/THEM ♥ após uma vida inteira em guerra com o meu gênero, decidi abraçar-me por quem sou, por dentro e por fora. Estou tão entusiasmado e privilegiado por estar rodeado de pessoas que me apoiam nesta decisão, mas tenho estado muito nervoso por anunciar isto porque me preocupo demais com o que as pessoas pensam, mas que se foda! Compreendo que haverá muitos erros e erros de gênero, mas tudo o que lhes peço é que, por favor, tentem. Espero que me possam ver como eu me vejo agora. Obrigade [...]. (tradução nossa)⁶

Figura 2 — Postagem de Sam Smith em 13 de setembro de 2019

MY PRONOUNS ARE
THEY / THEM

Fonte: Reprodução do *Instagram*⁷

⁵ Essas métricas são publicadas pelo *Spotify* no perfil de cada artista em destaque nas paradas musicais. O perfil de Sam está disponível em: <https://bit.ly/3L3CdVJ>. Acesso em: 23 abr. 2023. Cabe frisar que os números apresentados oscilam conforme o desempenho dos(as) artistas, das músicas e álbuns lançados, assim como outros tantos fatores que interferem no desempenho nas plataformas digitais.

⁶ No original em inglês: “Today is a good day so here goes. I’ve decided I am changing my pronouns to THEY/THEM ♥ after a lifetime of being at war with my gender I’ve decided to embrace myself for who I am, inside and out. I’m so excited and privileged to be surrounded by people that support me in this decision but I’ve been very nervous about announcing this because I care too much about what people think but fuck it! I understand there will be many mistakes and misgendering but all I ask is you please please try. I hope you can see me like I see myself now. Thank you.” Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2WpiusAc6h/>. Acesso em: 23 abr 2023. Em nossa tradução, adaptamos palavras cujas marcações de gênero no português são binárias, diferentemente do inglês, e, para tanto, escrevemos com a letra “e” no final.

Esse episódio público abre uma saída dos “armários” das identidades de gênero por meio da qual visa salientar os desejos de liberdade e de expressão do próprio corpo para ser livre. Conforme Eve Sedgwick (2007) acentua, a metáfora dos armários opera como um dispositivo que define e age na abertura ou no fechamento das experiências das pessoas LGBTQIA+, bem como nos modos através dos quais são (ou não) visibilizadas publicamente na sociedade ou se devem permanecer como segredo em suas vidas, seja esquivando pelas brechas das normatividades ou suprimindo vontades. Com essas implicações sobre os corpos e suas presenças no mundo, esse dispositivo estrutura preconceitos e discriminações cotidianas, marginalizando e abjetificando indivíduos que fogem aos regimes cisheterocentros.

Na esteira de violências enfrentadas por Sam, um caso recente se deu após o lançamento do clipe de *I'm not here to make friends*. Comentários gordofóbicos e LGBTfóbicos se sobressaíram nas plataformas digitais com a visibilidade do corpo delu em tela, pelas indumentárias extravagantes e brilhosas e pela expressão da não-binariedade e estética queer que se unia às referências de outras músicas, personalidades e performances do pop mundial. Além de refletir nas métricas, números necessários para consolidação de qualquer artista na indústria musical — após três meses da publicação no *YouTube*, o videoclipe possui 18,1 milhões de visualizações, 288 mil curtidas como “gostei” e 523 mil “não gostei” —, há comentários postados com o intuito de violentar Sam, seja menosprezando sua carreira ou seu corpo em evidência na tela: “Difícil de acreditar que eu gostava desse "cara" em 2015, quando ele estava ficando grande. RIP carreira” (tradução nossa⁷); “Porque eu não estou aqui para fazer música” (tradução nossa⁸); “Se ele estava indo para o ridículo, ele conseguiu” (tradução

⁷ No original em inglês: “Hard to believe I used to like this "guy" back in 2015 when he was becoming big. RIP career” – publicado pelo perfil *Denso481*. RIP é uma abreviatura para “rest in peace” cuja tradução direta para o português é “descanse em paz”.

⁸ No original em inglês: “Cause i'm not here to make music” – publicado pelo perfil *Ivan from Italy*, como trocadilho em alusão ao título da música.

nossa⁹) e tantos outros poderiam ser trazidos como indícios que representam o direcionamento ao ataque e, sobretudo, aprovados por outros usuários pelas reações positivas ao que é comentado.

Figura 3 — frames do videoclipe *I'm not here to make friends*



Fonte: montagem a partir do vídeo¹⁰

Diante ao contexto violento apresentado nesta introdução, objetiva-se refletir como a insurgência de Sam Smith na cena pop desordena regulações normativas de gênero e sexualidade de modo a provocar e questionar limites para os corpos. A partir da perspectiva indiciária (BRAGA, 2008) sobre a aparição de Sam Smith e a identificação pública como pessoa não-binária, o trabalho é dividido em dois eixos: primeiro, parte-se ao debate das desobediências não-binárias, mobilizando o repertório

⁹ No original em inglês: “If he was going for ridiculous he got it” – publicado pelo perfil *Livhappy*.

¹⁰ Videoclipe disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hYjHhqLSiN4>. Acesso em: 23 abr. 2023.

da teoria queer, como *abjeção* (MISKOLCI, 2020), *corpo estranho* (LOURO, 2020) e *contrassexualidade* (PRECIADO, 2014), a fim de notar como a emergência pública desse corpo desestabiliza a pretensa solidez cisheteronormativa; em seguida, caminha-se no sentido de vislumbrar as resistências na e pela cultura pop e como a arte se torna o lócus central de evidência e questionamento. Metodologicamente, enveredamos pelo paradigma indiciário (BRAGA, 2008) com o qual notamos indícios no caso a ser estudado e tensionamos, conjuntamente, com a problematização e o referencial teórico a ser mobilizado. Como operacionalização, optamos por trazer em voga elementos significativos e mais recentes sobre Sam Smith.

O corpo estranho estranha

As violências contra Sam estão estreitamente relacionadas à abjeção, atribuição dada por outrem a um indivíduo associado como elemento contaminante da matriz social devido às diferenças que incorpora em seu corpo e em suas vivências, tornando-se alvo de injúrias, violências e exclusões sociais (MISKOLCI, 2020). Judith Butler complementa, em uma leitura de Júlia Kristeva, que “o ‘abjeto’ designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’” (BUTLER, 2023, p. 230). Logo, parece-nos uma noção cujas bases são relacionadas aos excrementos descartados e expelidos, o que denota, ao adjetivar um corpo como abjeto, a existência de corpos repudiados por conta de marcadores sociais cujas características destoam das normas hegemonicamente instauradas e atualizadas na cultura¹¹. Seria, portanto, corpos que a sociedade não quer ver, execrados por serem tidos como contaminantes e descartáveis (PORCHAT, 2015). A brutalidade da violência da abjeção

¹¹ Convém explicar que a abjeção não se limita apenas às marcações de gênero e sexualidade, mas amplifica para tantas outras que colocam corpos em situações de precariedade e por condições sociais que tendem a reduzir a vida (PORCHAT, 2015). Com isso, etnia, nacionalidade, deficiências podem abjetificar corpos dentro da cultura e, em interseccionalidade, tornar as vidas ainda mais difíceis de serem vividas, para retomar uma expressão presente nas obras de Judith Butler.

aponta para “corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante” (PORCHAT, 2015, p. 43).

Nesse sentido, nota-se que Sam passa a sofrer ataques por diferentes sujeitos, seja nas ruas ou nos comentários das redes sociais, a partir do momento em que expressa com maior visibilidade pública sua sexualidade e seus desacordos com as estruturas generificantes. Como Guacira Louro (2020) sinaliza, a sociedade ocidental se estrutura embasada na expectativa cultural de que cada indivíduo vai se enquadrar em uma atribuição binária de gênero (masculino ou feminino), consoante à conformação de genitália correspondente no nascimento, e terá, estritamente, relacionamentos heterossexuais. Essa lógica sequencial decide como um corpo precisa ser no mundo a partir da idealização de atributos, características e identidades pressupostamente tidas como inatas e naturais. No entanto, há subversões, pois as normas, por mais fortes e rígidas que parecem e possam ser, sempre são falhas, exigem a iteração discursiva e atualizações frequentes na linguagem. Logo, “mesmo que existam regras, que traçam planos e sejam criadas estratégias e técnicas, há aqueles e aquelas que rompem as regras e transgridem os arranjos. A imprevisibilidade é inerente ao percurso [da vida]” (LOURO, 2020, p. 16).

O corpo e a performance de Sam arriscam a rigidez normativa e, ao se fazer visível e exposto, torna-se mira de empreendimentos pedagógicos que punem e tentam imbricar a linha contínua esperada para gênero–sexo–sexualidade. Louro (2020) nos disse que o alvo prioritário para correções e acertos é quem desvia e é assimilado como diferente na cultura, ou nas palavras da pesquisadora: “para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sanções, reformas e exclusões” (LOURO, 2020, p. 16). Para além das consequências de ordem pedagógica que inscrevem violências no cotidiano de cada um(a)(e), existem mecanismos que agem de forma tácita e passam muitas vezes despercebidos, exigindo de nós atenção para apreendê-los nas práticas comunicacionais. Quando Sam, em entrevista ao podcast *Changes*, destaca que perdeu fãs em razão da

homofobia e transfobia, emergem percepções que até então estavam latentes ao preconceito escancarado (NUNES, 2022).

Uma via das violências que atingem Sam se dá pela emergência de seu corpo, que não condiz com o culto à magreza e ao binarismo da ocidentalidade. A gordofobia se espalha por todos os espaços e estigmatiza corpos, associando-os às doenças. Argumenta Maria Luisa Jimenez Jimenez (2020) que a gordofobia é parte de um dispositivo de controle, a partir de uma leitura foucaultiana, ou seja “desde que chegamos ao mundo, a saúde é associada à preocupação com a gordura e à busca feroz pela magreza, um pilar que contribui fortemente para a estigmatização do corpo gordo na sociedade” (JIMENEZ, 2020, p. 153). A aparência da gordura no corpo de Sam é mais um elemento que preconceituosos miram para atacar sua integridade. Nessa toada, ele já havia contado em uma entrevista que sofreu bullying na infância por ser uma criança gorda e que, aos 12 anos, passou por um procedimento de lipoaspiração (ANAMARIA, 2019). Esse fato da história de Sam coaduna com a argumentação de Jimenez (2020) sobre o corpo da criança gorda ser um alvo de enquadramento social e de vigilância, ou seja, “[...] é começar bem cedo a entender e aprender o que acontece socialmente quando seu corpo não está em conformidade com a decisão social do que é estar saudável e bela” (JIMENEZ, 2020, p. 149).

Nos palcos e nas telas, Sam, como artista, vale-se de figurinos que exaltam a extravagância, o brilho e o colorido, compõe músicas que expressam relacionamentos e tantas outras questões pessoais e sociais, inscrevendo modos de subversão na cultura. Na mesma toada de Bruno Leal (2006), o corpo pode ser entendido como um texto, escrito por si e pelos outros, a partir de signos e produzindo signos, assim como será lido e atualizado constantemente nesses processos comunicacionais. Todavia, essa relação é crivada por sistemas de poder que o inscrevem aos códigos culturais que agem nas regulações e constituições dos sujeitos. Assim, o corpo passa a ser um elemento central para a vigência normativa que define, pois, o que é tomado como “normal”,

“saudável”, “belo” ou não. Ao lermos comentários do videoclipe supramencionado, parece-nos que a contestação de parte de espectadores se dá, sobretudo, por Sam chacoalhar as normas e não ser um corpo “obediente”, mas, sim, estranho, no sentido suscitado por Louro (2020), isto é, um corpo que se escreve e inscreve no mundo de modo a irromper o fluxo normativo cunhado nas balizas de masculinidade e feminilidade. Da mesma forma, Sam provoca seus(as) seguidores(as), ao anunciar ser uma pessoa não-binária, e lhes pede uma leitura de respeito: “[...] espero que você possa me ver como eu me vejo agora [...]” (tradução nossa¹²).

Nesse mesmo podcast *Changes*, ele afirma que as músicas que produz são *queer* no sentido de trazer em cena práticas, desejos e relações não heterossexuais. Com essa afirmativa delu, cabe reiterar que, historicamente, *queer* é uma palavra de matriz inglesa cujos significados inicialmente se projetavam para menosprezar sujeitos pelas diferenças que incorporam em suas vidas¹³. Seguindo as trilhas foucaultianas da genealogia da sexualidade (FOUCAULT, 2023), nota-se que as normas de gênero e sexualidade, a título de exemplo, são mecanismos pedagógicos para educar corpos a fim de docilizá-los dentro da cultura com o intuito de que sigam preceitos e ordenamentos atrelados a valores do que é “bom”, “correto” e “aceitável” na base social, como argumentamos. Todavia, como Louro (2020) explicou, o “corpo estranho” é aquele que questiona os sistemas culturais que engendram padrões e modos de se viver; é aquele no qual as normas não conseguem operar de modo completo; é aquele em que as normas não funcionam apenas como a regra do jogo da vida, mas são peças com as quais se jogam, burlam e competem. E Sam Smith incorpora a inquietude frente ao normalizado e normativizado, seja por usar roupas de um gênero com qual estética e

¹² No original em inglês: “I hope you can see me like I see myself now”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B2WpiusAc6h/>. Acesso em: 23 abr. 2023.

¹³ Na língua portuguesa, a assimilação da palavra *queer* é feita por pesquisadores e pesquisadoras de movimentos pós-estruturalistas que introduzem modos de compreensão do mundo a partir de perspectivas de estranhamento. Por esse motivo, os significados que a palavra tem na língua inglesa podem se perder em tradução e outros arranjos linguísticos no português.

performaticamente joga e parodia, seja por assumir um corpo em que os dispositivos biopolíticos atacam por não ter a magreza desejada e por não assumir um dos dois gêneros binários, seja por mobilizar a arte como espaço de resistência mesmo em um cenário mercadológico da indústria musical.

“Apesar dos pesares, alguns (ou muitos) se arriscam à desobediência, atrevem-se a transitar pelas fronteiras dos gêneros e da sexualidade, a desejar quem não devem desejar, a experimentar a ambiguidade” (LOURO, 2017, p. 20). Ao arriscar sua própria vida, Sam se coloca em uma posição de visibilidade para questões de gênero e sexualidade por meio do estatuto de fama que detém como artista pop. Esquivando-se das violências provocadas pela abjetificação de seu corpo, Sam busca viver as identidades com as quais estabelece ligações a seu modo e, como gesto de ruptura de um dos armários, declara publicamente os pronomes com os quais quer ser chamado.

Por outro lado, soa-nos contraditório quando atentamos para um momento da fala de Sam no podcast mencionado. Ele afirma que o intuito ao se expressar como não-binário não é romper e destruir com as lógicas dos gêneros, mas encontrar um terceiro caminho possível na sociedade para as pessoas trans (NUNES, 2022). Embora a trajetória de Sam emergja publicamente questionamentos a respeito dos binarismos, sua fala não nos parece subversiva, como Paul Preciado (2014), por exemplo, caracterizaria como contrassexual, no sentido de “[...] desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero” (PRECIADO, 2014, p. 22). Há certos reforços discursivos, mesmo que nas entrelinhas, de lugares estáticos às feminilidades e às masculinidades, o que se liga ao modo como os dispositivos normativos se arranjam e rearranjam na cultura. Na mesma esteira, vale trazer em destaque o contraponto de Preciado (2020) a respeito do sistema sexo-político e suas formas de estratificar o corpo em amarras de saber-poder. Em um discurso direcionado à 3.500 psicanalistas, a coragem de Preciado toma o espaço daquela palestra pelo enfrentamento epistemológico e questionamentos sobre quem se pode ser dentro dessas “gaiolas”. Diz o filósofo:

Eu falo com vocês hoje desta gaiola escolhida e redesenhada de ‘homem trans’, de ‘corpo de gênero não binário’. Alguns diriam que ainda é uma gaiola política: em todo o caso esta gaiola é melhor que a dos ‘homens e mulheres’ porque tem o mérito de reconhecer a sua condição de gaiola (PRECIADO, 2020, p. 8, tradução nossa¹⁴).

Perceber que a marcação de uma identidade está em uma dobradiça com a diferença, em consonância ao que Tomaz Tadeu da Silva (2000) propõe, é entender que, nesse sistema normativo, a identidade só faz sentido diante da heterogeneidade do mundo, mas que pode ser um limitador para quem se quer ser. Logo, a mutualidade e a interligação da relação entre identidade e diferença precisa ser vista em primeiro plano, já que desestabiliza concepções que tentam estancá-la, como a fala mencionada de Preciado (2020) que projetou a ruína dos sistemas normativos que se legitimam nas estruturas de poder e saber na sociedade. No entanto, é fundamental reconhecer que tais processos que impelem quem somos e como estamos no mundo estão espalhados e em atualização de tal maneira na cultura que rompê-los é uma ação complexa, a qual é se colocar em risco.

Em uma proposição contrassexual, Preciado (2014, p. 26) sugere formas de ser resistência aos discursos e irromper as barreiras binárias. Nessa lógica, o corpo é um “sistema de escritura”, tal qual Leal (2006) apresenta, no qual desde a mais tenra idade são inscritos e instituídos códigos para assimilação normativa. A narrativa de Giancarlo Cornejo (2020), por exemplo, ilustra como a perseguição sofrida na escola e na família durante a infância por ser um menino afeminado (ou uma criança viada) nos evidencia como, até mesmo quando não temos consciência dos valores lineares de sexo-gênero-sexualidade, estão sendo incutidos em nossas experiências e inscrevendo

¹⁴ No original em francês: “Je vous parle aujourd’hui depuis cette cage choisie et redessinée de ‘l’homme trans’, du ‘corps de genre non-binaire’. Certains diront qu’il s’agit toujours d’une cage politique: en tout cas cette cage est meilleure que celle des ‘hommes et des femmes’ car elle a le mérite de reconnaître son statut de cage” (PRECIADO, 2020, p. 8).

um modo estanque de quem devemos ser e crescer. Já nos provoca Preciado (2013) a partir do título de um artigo: “quem defende a criança queer?” Esses corpos controlados cada vez mais cedo tendem a ficar atados aos discursos normativos, mas, se as normas precisam de reiteração, há brechas para estranhá-las.

Por isso, acreditamos que a fala de Sam, mesmo que não seja tão subversiva e possa até mesmo soar contraditória no contexto em que foi enunciada no podcast, existe uma potência inculcada por poder mostrar aos seus fãs, seguidores(as) e pessoas em diferentes partes do mundo que é possível provocar, lançar questionamentos, burlar códigos, chocar os conservadorismos. Pela arte, elu se encontra em um locus disruptivo, privilegiado por ser aberto e intensificador das afetações no e com o mundo. Na arte, formam-se vias cuja potencialidade imaginativa e estética dão a ver a construção de caminhos para expressão dos corpos.

A arte afeta, o pop é político

As artes e as culturas estão em uma relação indissociável, em co-constituição e permanente atualização. Conforme Lucia Santaella (2008) situa em uma problematização sobre as convergências entre artes e comunicações na cultura midiática, existem processos intrincados entre esses dois fenômenos cujas intersecções evidenciam historicidades e relações entre os movimentos artísticos e as mídias. É nessa toada que a pesquisadora demonstra como a arte pop é um fenômeno caracterizado pela multiplicidade que engloba diferentes expressões e materializações comunicacionais.

A abrangência das artes salienta, assim, a produção de conhecimentos, as dimensões não-hermenêuticas e de afetações, bem como a construção de conhecimentos. Logo, “o artista nos dá a perceber sua obra por modos que posso talvez nomear, mas que escapam ao discurso, pois jamais deixarão de pertencer ao campo do

não racional” (COLI, 1995, p. 112). Tais colocações são consoantes à leitura que é possível de ser realizada das expressões artísticas de Sam Smith no contexto pop.

Esses aspectos se relacionam à argumentação de Thiago Soares (2020) sobre as divas pop e abrem potencialidades de articulação ao “corpo-som” de Sam Smith sobre os palcos, nas telas e nas ruas. Esse corpo-som que aparece é entrecruzado pelos(as) fãs que se ligam à/ao artista pela história de vida, pelas experiências que conta, pelas relações de afeto que lhes interconectam, também é pela ludicidade do uso das roupas que, dentro da matriz cultural, não seriam condizentes com a aparência generificada do corpo, ainda é pelas políticas de habitar esse mundo e transbordá-lo para sobreviver e dar chances a outras vidas enfrentarem as diferentes opressões presentes no dia a dia.

Inegavelmente, porém, a fama de Sam lhe permite criar e mostrar seu corpo, o que não é uma condição possível, segura e abrangente para tantas outras pessoas. Por ser artista mundialmente conhecido nas mídias, sua evidência se torna ainda maior quando as músicas atingem as melhores posições nas paradas de sucesso e, conseqüentemente, têm os videoclipes mais acessados nas plataformas de *streaming*. Ao se mostrar, ele provoca e, por meio das artes, das performances e das aparições, consegue jogar holofotes para temáticas turvas por discursos repressivos e violentos na cultura ocidental. João Silvério Trevisan (2018, p. 536) diz que “aos setores oprimidos só resta aquilo que sabem fazer melhor: criar”, isto é, reinventar-se e lançar-se na busca por irradiar possibilidades de existência em um mundo atravessado por LGBTfobias, projetar outras representações sobre si e os grupos identitários com os quais estão situados e inquietar-se contra aquilo que fomenta as destruições de nossas vidas. Sam rompe com fronteiras à medida que contesta limites cisheteronormativos fabricados em bases de moralidade, como se escancarou, por exemplo, ao aparecer no *Grammy Awards*.

No entanto, torna-se pertinente traçar um paralelo com as controvérsias do fenômeno Madonna discutidas por Douglas Kellner (2001), em que a artista se destaca

na mobilização e criação de imagens pela moda e pelo questionamento de identidades a fim de estranhar as dominações de raça, sexualidade e gênero, por exemplo, alterando valores culturais. Nesse trajeto midiático, é indispensável perceber que estamos em um contexto específico da cultura pop contemporânea. Apesar de ter contradições, afirmações e negações ao longo da carreira de Madonna, Sam, a seu modo, também é parte de uma indústria musical repleta de estratégias de consumo e circulação midiática. Mesmo que brinque e jogue com as brechas na arte e, de certa forma, mostre e construa sua subjetividade, ele está em associação a um cenário comercial no qual métricas e ranqueamentos concretizam sua ascensão ou derrocada. Por isso, as sinuosidades das normas que pedagogizam seu corpo imbricam, neste contexto, em outros campos do mercado musical pop.

Por outro lado, temos que apreender que “o pop, como constelação afetiva contemporânea, é pura política. Curti-lo, observá-lo, compreendê-lo é um desafio e, simultaneamente, um exercício que passa pela fruição, pela satisfação e, claro, pelos incômodos e pelas angústias” (KOLISKI MACHADO, 2020, p. 301). Longe de ser apaziguado, a cultura pop é um terreno fértil e aberto para experimentação e criação. E o que Sam faz é usar das possibilidades ao seu alcance, pelo renome e prestígio que possui, para evidenciar seus desejos e valores. Ao compartilhar publicamente como se identifica e usar a liberdade artística a seu favor e da comunidade LGBTQIA+, percebem-se os enveredamentos de estranhar regimes normativos, promover debates sobre os corpos e voltar-se radicalmente pela alegria, como ele afirma.

Considerações finais

A emergência da diferença, por mais singela que possa ser, conturba a homogeneização normativa. Ao aparecer, torna-se o alvo preferencial das correções, das pedagogias e das violências que culminam na eliminação e no silenciamento da

diferença. Quando percebemos a aparição de Sam Smith, é notável que, até o momento em que seu corpo é normativizado suficientemente para existir e aparenta se conformar em um gênero cristalizado na masculinidade, sua carreira deslancha pelo cenário pop e as métricas se avolumam pelas plataformas digitais. Agora, os ataques se tornam mais frequentes quando o corpo deixa de corresponder ao que é visto como magro e passa a brincar com as indumentárias e o colorido.

O bonito do mundo é a diferença. E Sam Smith escancara as diferenças de seu corpo com ele e a partir dele, pela singularidade que consegue e pode exhibir, pelas subversões que traça dentro das pluralidades do pop. Ao insurgir, sobretudo pela potência da visibilidade que tem e adentra espaços de grande repercussão como são as premiações musicais televisionadas a nível mundial, Sam desordena os limiares binários de gênero. Aquilo que parece típico ao feminino ou masculino é mobilizado e movido com o próprio corpo no intuito de expressar a não-binaridade. Expondo-se no palco, nas ruas e nas mídias, Sam é, como todos, todas e todes que arriscam transgredir a continuidade gênero-sexo-sexualidade, violentado(a)(e). Mas cabe recordar a abertura de Madonna para a performance de Sam e Kim no *Grammy Awards*¹⁵: “Preparados para controvérsia?”, e continua após a pergunta, “[...] estou aqui para agradecer todos os rebeldes que estão abrindo caminhos. Saiba que a sua coragem não passa despercebida. Você é visto, você é ouvido e, acima de tudo, vocês são apreciados”. Esse enunciado que indica a coragem de romper os ordenamentos de poder, assinalados pela rainha do pop, Madonna, parece-nos central mesmo quando tudo ao nosso redor impede que sejamos diferentes.

Por meio das expressões artísticas, conseguimos desafiar as imposições discursivas que as normas assumem no centro de nossas vidas. A arte é ambígua e transgressora, permite questionar a cultura na qual se localiza e romper com os limites

¹⁵ Disponível em: <https://portalpopline.com.br/madonna-celebra-rebeldia-introduz-sam-smith-kim-petras-grammy/>. Acesso em: 10 maio 2023.

que circunscrevem aquilo que se pode ser. Mas, conforme citamos a fala de Sam, se a alegria é *queer* porque a dor é o que já conhecemos (e muito), precisamos alegrar com quem somos e com os nossos, mostrar ao mundo a potencialidade das diferenças e da necessidade de confrontar as linguagens binárias que, por séculos, interpuseram dois caminhos opostos a serem continuados, sendo que um deles é a via do inaceitável na cultura; porém, há tantos caminhos que já foram abertos por tantas pessoas, como Sam, e outros que ainda serão abertos, entrecruzados e infundados.

Referências

- ANAMARIA. **Sam Smith revela ter feito lipo aos 12 anos**: “Eu tinha seios e fiz uma lipoaspiração”. 2019. Disponível em: <https://revistaanamaria.com.br/noticias/ultimas-noticias/sam-smith-revela-ter-feito-lipo-aos-12-anos-eu-tinha-seios-e-fiz-uma-lipoaspiracao.phtml#:~:text=%E2%80%9CQuando%20eu%20era%20crian%C3%A7a%2C%20eu,com%20lipoaspira%C3%A7%C3%A3o%20ainda%20na%20adolesc%C3%Aancia>. Acesso em: 6 nov. 2023.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/es/article/view/38193>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 24. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.
- COLL, Jorge. **O que é Arte**. 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- CORNEJO, Giancarlo. A guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 75-84, 2020.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 15. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2023.
- JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. **Revista Epistemologias do Sul**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 144-161, 2020. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643>. Acesso em: 6 nov. 2023.
- KELLNER, Douglas. Madonna, moda e imagem. In: KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, p. 334-375, 2001.
- KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. “E mesmo ameaçado eu serei cada vez mais viado”: considerações sobre o pop como espaço de existência/resistência para a criança viada. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 3, p. 288-304, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.9.10213>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- LEAL, Bruno. Do corpo como texto: na mídia, na rua. **Fronteiras – estudos midiático**, São Leopoldo, v. 8, n. 2, p. 144-151, 2006. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/6128>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- LIN, Jeremy Atherton. The radical liberation of Sam Smith. **GQ**, Reino Unido, 24 out. 2022. Music. Disponível em: <https://www.gq-magazine.co.uk/culture/article/sam-smith-interview-2022>. Acesso em: 1 mar. 2023.

- LOURO, Guacira Lopes. **Flor de açafão**: takes, cuts, close-ups. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- NUNES, Caian. Sam Smith diz que perdeu fãs por conta de homofobia e transfobia. **POpline**, [S. l.], 5 out. 2022. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/sam-smith-perdeu-fas-homofobia-transfobia/#:~:text=Sam%20Smith%20resolveu%20pela%20liberdade,padr%C3%B5es%20masculinos%2C%20nem%20femininos>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. *Periódicos*, Salvador, n. 3, v. 1, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i3.14254>. Acesso em: 7 out. 2023.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- PRECIADO, Paul B. Quem defende a criança queer? **Jangada: crítica| literatura| artes**, n. 1, p. 96-99, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.17>. Acesso em: 1 mar. 2023.
- PRECIADO, Paul B. **Je suis un monstre qui vous parle**. Rapport pour une académie de psychanalystes. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle, 2020.
- SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- SEDGWICK, Eve. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 28, p. 19–54, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644794>. Acesso em: 23 abr. 2023.
- SOARES, Thiago. Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. In: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan (Orgs.). **Divas Pop**: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM UFMG, p. 25-42, 2020.
- SOUZA, Marcelle. Sam Smith sofre ataques de ódio por aparência em novo clipe, e desabafa em entrevista: “Alguém cuspiu em mim”. **Hugo Gloss**. 2023. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/famosos/sam-smith-sofre-ataques-de-odio-por-aparencia-em-novo-clipe-e-desabafa-em-entrevista-alguem-cuspiu-em-mim/>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

“I’ve always felt queer”:

Sam Smith's insurgency and the tensions in/with the body, gender, and sexuality

Abstract: From body criticism to name-calling, Sam Smith is a constant target of threats against his life. In the face of LGBTphobic violence that expands with vigor with each appearance, this article aims to reflect on how Sam Smith's insurgency on the pop scene disrupts normative regulations of gender and sexuality in ways that provoke and question boundaries for bodies. Methodologically, it is anchored on the indicative perspective (BRAGA, 2008) to understand some evidence about his public appearance and identification as a non-binary person. To this end, the paper is structured along two axes. First, we start from non-binary disobediences, mobilizing the repertoire of queer theory, such as abjection (MISKOLCI, 2020), queer body (LOURO, 2020), and counter-sexuality (PRECIADO, 2014), in order to notice how the public emergence of this body destabilizes the supposed cisheteronormative solidity. Next, they turn to

resistance in pop culture in order to glimpse how this movement occurs and how art becomes the central locus of evidence and questioning about the self and the world. As a result of this path, it is possible to see that Sam Smith's fame allows him to create and show his body. As a world-renowned artist in the media, the highlight becomes even greater when his songs reach the top positions in the charts and, consequently, have the most accessed clips on streaming platforms. Even though it plays and plays with the gaps in art and, in a way, shows and constructs its subjectivity, they are in association with a commercial scenario in which metrics and rankings concretize its rise or fall. Therefore, the intricacies of the norms that pedagogize his body imbricate, in this context, in fields of the pop music market. However, pop culture is a fertile and open ground for experimenting and creating, actions mobilized by Sam as he estranges normativities and turns radically for joy.

Keywords: Sam Smith; queer; body; gender and sexuality; pop culture.

Recebido: 14/05/2023

Aceito: 31/08/2023